

Testemunhar o intestemunhável – o indelével do *muselmann*

FELIPE ONISTO*

Resumo: Este trabalho discute o ato de testemunhar dos remanescentes dos campos de concentração do regime nazista. Seu objetivo é compreender o papel do *muselmann* ao narrar a experiência vital ocorrida no campo. O método utilizado na pesquisa é de caráter revisionista, amparado pela modalidade teórica. Desta forma, permitiu-se ampliar as discussões e generalizar os escritos elencados. A partir da pesquisa exploratória foi favorável o levantamento bibliográfico necessário ao ensaio. A base de dados se estruturou em ordem primária, a abordagem técnica empregada foi qualitativa, imperando assim o método dedutivo. O escrito trata de um estudo transversal. Os resultados alcançados foram aproximações dos testemunhos com os conceitos utilizados por Giorgio Agamben na obra: *O que resta de Auschwitz: o arquivo e o testemunho*, o que possibilitou aprofundar uma concepção contemporânea do conceito de ética. Negar ou pretender esquecer os campos de concentração emergem para a possibilidade de seu retorno. Debater e compreender as práticas são fundamentais para que as lógicas dos campos não se repitam.

Palavras-chave: Testemunho; Ética; Agamben.

Abstract: This paper discusses the act of testifying the remaining of Nazi regime concentration camp. The aim is to understand the *muselmann*'s role when telling the vital experience in the camp. The method used in the research is revisionist, supported by theoretical modality. Thus, it was possible to enlarge the discussions and generalize the writings selected. From the exploratory research the bibliographic survey was favorable. The database was structured in primary order, and the technical approach used was qualitative, reigning the deductive method. This paper is a transverse study. The results achieved were the approaches of testimonials with the concepts used by Giorgio Agamben in the work: *What remains from Auschwitz: the archive and the testimonial*, which allowed to go deeper into the contemporary conception of ethics. Deny or intend to forget the concentration camp emerge to the possibility of its return. Debating and understanding the practices are primordial in order that the camps aren't repeated.

Key words: Testimonial; Ethics; Agamben.



* FELIPE ONISTO é Pós-Graduado em Gestão Pública pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Atua como professor e coordenador do curso de graduação de Ciências Sociais da Universidade do Contestado (UnC).



Os movimentos teóricos e conceituais – que se articulam para lembrar os acontecimentos desenvolvidos nos campos de concentração nazistas – emergem para a compreensão dos fatos que os originaram. Riscar, apagar, deteriorar, perdoar, ou renegar as práticas, apresenta-se como “fim da história”, como acontecimentos a serem esquecidos, e foi esse o motivo para que Theodor Adorno escrevesse o texto: “O que significa elaborar o passado” (1995). Para o filósofo e sociólogo da “Escola de Frankfurt”, renegar o indelével é potencializar o seu retorno, uma aberração no curso da história (ADORNO, 1995, p. 120).

“*Arbeit macht frei*”, em tradução livre para o português: “O trabalho liberta”. Trata-se do letrreiro de entrada do campo de concentração de Auschwitz que abrigava o maior complexo arquitetônico construído para abrigar os prisioneiros do regime nazista (Auschwitz-Birkenau). A frase tornou-se simbólica. Ironicamente apresentava-se como uma esperança aos detidos. O trabalho os dignificaria, expectativa de

segurança jamais presenciada. Estima-se que 1,3 milhões de pessoas foram mortas nas unidades do campo, poucas são as testemunhas que retratam a barbárie.

Segundo Giorgio Agamben: “no campo uma das razões que podem impedir um deportado a sobreviver consiste em tornar-se uma testemunha” (2008, p. 25). A perpetuação colocaria em risco todo o projeto, daria visibilidade ao que o povo alemão parecia desconhecer¹. Significava escancarar ao mundo as práticas e testes exercidos com o *Muselmann*², bem como contabilizar o

¹ Com o fim dos campos de concentração em 1945, o povo alemão pode finalmente conhecer o que se passava atrás das cercas. Inúmeros documentários com imagens reais das visitas tornam evidente a falta de conhecimento do fato, as expressões dos rostos falam mais que as palavras que naquele momento pareciam carecer de significado.

² Assim eram conhecidos alguns presos. Seus estados de desnutrição demonstravam a eminência da morte; também conhecidos como mortos-vivos ou múmias não possuíam mais esperança em seus rostos, ao menos vontade de viver. A analogia do *Muselmann* é oriunda do estado enfermo que os prisioneiros se

número de mortos que pareciam ser impossíveis de serem somados.

Sob a ótica dos raros sobreviventes, a lógica era às avessas, consistia em viver intensamente a rotina, experimentar os ritos e interiorizar a história que se erguia. A expectativa, o sonho, a crença, ou, fé, vinculavam-se à vingança de contar ao mundo o que se passou nos campos de concentração, posição adotada por Primo Levi (1919-1987), segundo o qual, as pessoas que viveram a realidade do campo de concentração ora procuravam dar novos sentidos à vida, ora tentavam esquecer Auschwitz: “[...] a única razão de viver é não permitir que a testemunha morra. Outras pessoas, por sua vez, falam disso sem parar, eu sou um deles” (LEVI *apud* AGAMBEN, 2008, p 26).

Primo Levi (1919-1987) era um judeu italiano, formado em química pela Universidade de Turim e apegado à escrita, que se destacou como testemunha pelas obras publicadas sobre Auschwitz (dentre as mais famosas: *É isso um homem?* – 1947 e *Afogados e Sobreviventes* – 1970). Preso em 13 de dezembro de 1943 por milícias fascistas, foi encaminhado a Fóssoli (Itália), um grande campo de concentração, cuja função era de passagem, até o embarcarem em um trem com outros 650 judeus.

Os vagões eram doze [...]; no meu vagão havia apenas quarenta e cinco pessoas, mas era um vagão

encontravam; era a condição de debilidade que podiam alcançar – no ápice do estágio se tornavam trêmulos, quando avistados de longe pareciam árabes em oração. Segundo Agamben, há outras razões para a analogia com o termo menos convincentes, como a maneira física que os debilitados ficavam: passando parte do tempo de joelhos com o rosto encostado no chão, pareciam prostrar-se como fazem os árabes (2008, p. 54).

pequeno. Ali estava, então, sob nossos olhares, sob nossos pés, um dos famosos comboios alemães, desses que não retornam, dos quais, com um calafrio e com uma pontinha de incredulidade, tantas vezes tínhamos ouvido falar. Era isso mesmo, ponto por ponto, vagões de carga, trancados por fora, e, dentro, homens, mulheres e crianças, socados sem piedade, como mercadoria barata, a caminho do nada, morro abaixo, para o fundo (LEVI, 1988, p. 15).

As viagens de trem tornaram-se uma marca, corriqueiramente as pessoas estavam acostumadas a utilizá-las para hábitos cotidianos, trabalhar, visitar amigos, parentes, ou mesmo passear, apreciar a paisagem, respirar outros ares. Porém, aquele deslocamento soava para caminhos desconhecidos, impossível ser imaginado, resultado das condições insalubres do ambiente, fome, sede, depressão, frio, agressões, tratava-se de retirar dos presos a humanidade³.

O memorizável som dos trilhos os levou para Auschwitz. Viagem penosa, confirmada com a recepção dos soldados da Schutzstaffel – SS⁴. Em questão de minutos eram realizados os primeiros julgamentos (seleção criteriosa) imperceptíveis aos

³ O conceito de humanidade em Primo Levi não se apresenta como pressuposto consolidado. Numa análise preliminar feita a partir do livro, *É isto um homem?* (1988) nos apresenta argumentos consideráveis nesta direção. Segundo o escritor, humano é aquele ser que pode exercer uma rotina no âmbito da casa, da família e do trabalho, constituinte de um nome ao qual a sociedade reconhece; trata-se do vivente enquanto digno de cumprir seu papel social no momento presente.

⁴ O exército da SS era constituído por uma tropa especial, selecionados pela pureza e lealdade ao terceiro Reich; tornaram-se responsáveis pelo comando dos campos de concentração, sob o comando de Heinrich Himmler.

hóspedes. Tratava-se de separar homens, mulheres, crianças, idosos, doentes, saudáveis, decisão que sentenciava a vida do sujeito, sem que se desse conta:

Em dez minutos todos nós, homens válidos, fomos reunidos num grupo. O que aconteceu com os demais, mulheres, crianças e velhos, nunca pudemos descobrir [...] Foram, simplesmente, tragados pela noite. Hoje, porém, sabemos muito bem que, nessa escolha rápida e sumária, tinha-se julgado, para cada um de nós, se poderia ou não trabalhar de maneira útil para o Reich; sabemos que nos campos de Buna-Monovitz e Birkenau só entraram noventa e seis homens e vinte e nove mulheres do nosso trem, e que de todos os restantes (mais de quinhentos) nenhum vivia mais de dois dias (LEVI, 1988, p. 18).

A chegada ao campo de concentração seguia um protocolo ritualístico, corte de cabelo e barba, desinfecção, marcação⁵, banho, roupas listradas, sapatos de sola de madeira, nada mais é pessoal. Esse cerimonial era obrigatório para o trabalho forçado. No campo de Buna-Monovitz os degenerados, como eram conhecidos, produziam borracha sintética para a empresa química IG Farben. Todos os esforços para compreensão das regras locais foram esvaziadas, a única certeza eminente era atingir o fundo, formato ao qual Levi referia-se à morte⁶:

⁵ Número que cada preso recebia tatuado no braço esquerdo (o de Levi era 174.517). Sinal ao qual era reconhecido, local de origem, idioma que balbuciava.

⁶ “Mais para baixo não é possível. Condição humana mais miserável não existe, não dá para imaginar. Nada mais é nosso, tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos, se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome, e, se quisermos mantê-lo, devemos

[...] pois quem perde tudo, muitas vezes perde, também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de sobrevivência (LEVI, 1988, p. 25).

Uma máxima era constantemente lembrada pelos tradutores de Auschwitz, quando indagados pelos prisioneiros sobre seu futuro, ou mesmo quando poderiam reaver seus cônjuges, filhos ou amigos: “você não estão mais em casa, [...] daqui só se sai pela chaminé” (LEVI, 1988, p. 27).

As práticas nazistas evidenciavam o extermínio, por parte dos presos não havia mais esperança e vontade para viver, seu fado estava traçado, muitos adiantaram suas mortes chocando-se com as cercas elétricas envoltas aos campos. O processo de morte seguia rígidos passos; também aos judeus responsáveis pelos trabalhos no campo se tinha a certeza do fundo. Poucos são os relatos das testemunhas, afinal, a lógica imposta deixou escassos sobreviventes. Em determinados setores cabia a um seleto grupo de presos⁷ privilegiados executar as tarefas, um desses locais era o crematório, função predestinada. Segundo o médico sobrevivente Dr. Miklos Nyiszli:

Tinham uma vida relativamente boa, porém viviam somente durante quatro meses a partir do dia em que entravam para o crematório; no fim

encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos” (LEVI, 1988, p. 25).

⁷ “Tratava-se do [...] *Sonderkommando* [...] Esquadrão Especial – para nomear o grupo de deportados a quem era confiada a gestão das câmaras de gás e dos fornos crematórios” (AGAMBEN, 2008, p. 15).

desse período, eram liquidados e substituídos por outro grupo de prisioneiros. Dessa forma, os nazistas esperavam manter longe dos olhos do mundo qualquer indício das ações perpetradas naquelas "fábricas da morte" (NYISSZLI, 1974, p. 18).

Nyisszli foi um médico judeu romeno, nascido em 1901, que foi prisioneiro juntamente com a esposa e a filha em Auschwitz, e suas habilidades o mantiveram vivo. Supervisionado por Josef Mengele, foi alocado em um dos crematórios do campo, sua função era realizar dissecações e consultas. Em seu dia a dia foi forçado a executar pesquisas e necropsias, relatadas no livro: *Auschwitz – o testemunho de um médico* (1974). Frente aos acontecimentos, é possível afirmar que a família de Nyisszli⁸ foi uma das poucas que puderam almoçar juntas novamente após a libertação dos campos de concentração.

Sua experiência em medicina legal possibilitou passagem livre pelos fornos. Conviveu diariamente com a linearidade atroz que o legado da purificação racial prometia, viu milhares de pessoas serem aniquiladas em minutos, movimento banal. Virtuosas eram as pessoas que sorriam para a dádiva do primeiro banho em Auschwitz (restrito aos sentenciados na seleção de chegada), mal sabiam que a cena seria a última a ser presenciada. A cada apito de trem que chegava, a rotina do campo se reatualizava: alinhar os ventiladores em frente aos fornos para obter o mais alto grau de temperatura, separar os degenerados, encaminhar alguns para a desinfecção nos chuveiros

e posteriormente às câmaras de gás, recolher os corpos, cortar os cabelos, retirar os dentes de ouro e cremar o que restou. As câmaras de gás pareciam chuveiros coletivos, em segundos as luzes apagavam-se e dentre cinco minutos restavam os corpos ao fundo:

Os corpos não ficavam caídos aqui e acolá, estavam empilhados num monte até o teto. A razão disso é que o gás primeiro inundava as partes mais baixas e depois, vagarosamente, subia até o teto. Isso forçava as vítimas a treparem umas por cima das outras numa tentativa desesperada de escapar ao gás que subia. Porém, alguns centímetros a mais e ele os alcançava. Que luta deveria ser! Mesmo assim, aquilo era coisa de dois ou três minutos. Se tivessem condição de pensar no que estavam fazendo, perceberiam que estavam subindo sobre os corpos de seus próprios filhos, de suas esposas e mães. Mas não podiam pensar. Suas ações não eram mais que reflexos do instinto de autopreservação. Notei que os corpos das crianças, dos velhos e das mulheres estavam embaixo da pilha e no alto os mais fortes. Seus corpos, cobertos de horríveis arranhões e hematomas devido à batalha travada, frequentemente ficavam entrelaçados. Sangue escorria de suas bocas e de seus narizes. Seus rostos intumescidos e azulados estavam tão deformados que era praticamente impossível reconhecê-los (NYISSZLI, 1974, p. 65).

A água aparecia como ato final, o tão esperado banho só vinha depois de ceifada a passagem na terra, o movimento era necessário para limpar os excrementos involuntários. Feita a higiene e demais procedimentos era chegada a hora da incineração: "Em Auschwitz não era nunca uma questão de se você iria viver ou não, mas

⁸Nyisszli deixou de ser reconhecido como: A 8450, restituiu a vida que perdera por cerca de doze meses. Faleceu em 1956 após um ataque cardíaco.

simplesmente uma questão de tempo, de quando você iria morrer. Ninguém escapava” (NYISSZLI, 1974, p. 65).

Na condição de médico, Miklos vivenciou intensamente a rotina, escapou diversamente da morte, e pôde ou foi coagido pelas circunstâncias a aplicar todo seu conhecimento acadêmico no material humano abundante, participou de testes e análises em cadáveres resultantes das câmaras de gás. Dentre os relatos, em uma seleção qualquer, Mengele encontrou um homem corcunda acompanhado do filho com uma deficiência na perna; imediatamente foram separados e conduzidos ao Dr. Miklos – trata-se da experiência mais atroz que o médico pôde presenciar e participar. Durante minutos, examinou cautelosamente os homens, diagnosticou as origens das anomalias e, posteriormente, os encaminhou conforme ordens de Mengele. Em pouco tempo, voltaram os corpos com temperatura de recente abatimento, o próximo passo era cozinhá-los para que somente os esqueletos fossem preservados. Os ossos serviriam para justificar a teoria da degeneração dos judeus; finalizado o processo o material foi endereçado ao museu antropológico de Berlim;

Se por um milagre eu conseguir sair vivo desse lugar, pensei comigo mesmo, e tiver uma chance de contar tudo que testemunhei e pelo qual passei, quem acreditará em mim? Palavras, descrições são totalmente impotentes para dar a quem quer que seja uma ideia exata do que seja isso aqui. Então meu esforço desesperado para tudo gravar e registrar em minha mente é em vão (NYISSZLI, 1974, p. 86).

Negar aos prisioneiros o papel do testemunho era a ação que resultava na

alta rotatividade do campo; caso alguém escapasse como retratar o que parecia ser incomensurável? Parecia inimaginável o que acontecia atrás das cercas eletrificadas. De qualquer forma, as vozes que não foram caladas, ressoaram ao indelével ato de testemunhar, testemunho de si mesmo, mas incapaz de relatar as sensações dos que atingiram o fundo:

Há também outra lacuna em todo testemunho: as lacunas são, por definição, sobreviventes e, portanto, todos, em alguma medida, desfrutaram de um privilégio... Ninguém narrou o destino do prisioneiro comum, pois, para ele, não era materialmente possível sobreviver... O prisioneiro comum foi descrito também por mim, quando falo de “muçulmanos”: mas os muçulmanos não falaram (LEVI *apud* AGAMBEN, 2008, p. 42).

O campo de concentração foi pensado, arquitetado e, estruturado para literalmente aniquilar, apagar da face da terra sem deixar vestígios, seres humanos indesejáveis ao terceiro Reich. Neste sentido, os campos de extermínio se apresentam como a expressão radicalizada do racismo de estado, executado sob prerrogativas técnicas e científicas produzidas pela racionalidade científica moderna. Talvez até se possa dizer que foi uma rigorosa e, ironicamente, bem sucedida experiência para aniquilamento humano. “Os que não viveram aquela experiência nunca saberão o que ela foi; os que a viveram nunca dirão; realmente não, não até o fundo. O passado pertence aos mortos...” (WIESEL *apud* AGAMBEN, 2008, p. 42).

O verdadeiro testemunho⁹ é praticamente intestemunhável, aqueles

⁹ “As “verdadeiras” testemunhas, as “testemunhas integrais” são as que não

aos quais cabia esse papel foram tragados pelas labaredas operadas pelos membros do *Sonderkommando*. As histórias retratadas jamais puderam ser confirmadas pessoalmente. Dessa forma, a única testemunha confiável atingiu o fundo, e é nesse ato que ressoa a prerrogativa da negação do holocausto, ninguém voltou para contar a experiência da câmara de gás ou do crematório:

Ter realmente visto, com os próprios olhos, a câmara de gás seria a condição que conferiria a autoridade para afirmar que ela existia, persuadindo assim os incrédulos. Mas se deveria também provar que matava no momento em que foi vista. A única prova admissível de que matava é dada pelo fato de se estar morto. Mas, estando morto, não se pode testemunhar que se está assim por efeito da câmara de gás (LYOTARD *apud* AGAMBEN, 2008, p. 42).

Os agentes do *Sonderkommando* eram as testemunhas mais próximas do *Muselmann*, residiam neles os detalhes cronológicos do ritual de morte, foram vítimas e algozes ao mesmo tempo. Capazes de viver intensamente a rotina por quatro meses, eleitos por uma separação rigorosa, não imaginavam o ofício que desempenhariam. Enquanto pertencentes à coluna da direita foram selecionados para trabalhar nas câmaras de gás e fornalhas, acabariam por limpar, verificar e queimar os corpos da coluna da esquerda¹⁰, muitas vezes

testemunharam, nem teriam podido fazê-lo. São os que “tocaram o fundo” os mulçumanos, os submersos. Os sobreviventes, como pseudo testemunhas, falam em seu lugar, por delegação: testemunham sobre um testemunho que falta” (AGAMBEN, 2008, p. 43).

¹⁰ A coluna da esquerda incluía os velhos, os aleijados, os doentes, as mulheres e as crianças

encontravam parentes e amigos: “ao realizar esse trabalho, ou se enlouquece no primeiro dia, ou então se acostuma” (LEVI *apud* AGAMBEN, 2008, p. 34).

Ao final de 120 dias na tarefa eram calados pelas matracas das metralhadoras. Deixar um *Sonderkommando* vivo colocaria em risco o *terceiro Reich*. Após a libertação dos campos em 1945, agentes desse Esquadrão Especial matraquearam como testemunhas: “Por certo, teria podido matar-me ou me deixar matar; mas eu queria sobreviver, para vingarme e para dar testemunho. Vocês não devem acreditar que somos monstros; somos como vocês, só que muito mais infelizes” (LEVI *apud* AGAMBEN, 2008, p. 34).

Em determinado dia, a rotina da equipe do Dr. Miklos foi diversificada. Repentinamente o chefe do *Sonderkommando* entrou em sua sala desesperado, relatando que uma menina havia sobrevivido à câmara de gás. Instantaneamente correram para a ala e apanharam a jovem, tratava-se da única vítima resistente à técnica, talvez a testemunha ocular necessária para lembrar o até então intestemunhável. Prontamente a vítima foi medicada e lentamente voltou a si. A explicação para a façanha era resultante do local onde caiu, encoberta por corpos, seu rosto ficou virado para um canto onde a umidade era abundante¹¹. A garota de dezesseis anos transformara-se no maior problema do campo, Dr. Miklos relutante pensou em diversos argumentos para mantê-la intacta, afinal, “ninguém saía vivo daqui, nem *Sonderkommandos* nem deportados”

de menos de quatorze anos (NYISSZLI, 1974, p. 28).

¹¹ O gás utilizado nas câmaras de gás em contato com a umidade não desempenhava o efeito ao qual tinha sido projetado.

(NYISSZLI, 1974, p. 118). O problema era praticamente insolúvel, pensaram em remanejá-la para setores de trabalho:

Se fosse uns três ou quatro anos mais velha, o plano poderia ter funcionado. Uma moça de vinte anos seria capaz de compreender claramente as circunstâncias miraculosas de sua sobrevivência e teria bastante percepção para não falar a ninguém sobre essas circunstâncias. Esperaria por tempos melhores, como tantos milhares estavam esperando para contar o que tinha passado. Mas Mussfeld achava que uma menina de dezesseis anos, em toda a sua vaidade, iria dizer à primeira pessoa que encontrasse de onde tinha vindo, o que havia presenciado e pelo que havia passado. A notícia se espalharia como um rastilho de pólvora e todos nós teríamos que pagar por isso com a própria vida. — Não há como sair disso — concluiu ele — a menina deve morrer. Meia hora depois, ela foi arrastada para a sala das fornalhas e aí Mussfeld enviou outro para fazer o trabalho. Uma bala na nuca (NYISSZLI, 1974, p. 120).

Cumpriu-se assim o destino planejado pelo Reich. A indignação da menina não permitiu a dignidade do trabalho, ela perdeu tudo, “transformada em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana” (LEVI, 1988, p. 33).

A condição ritualística no campo desapropria a vontade de viver do prisioneiro, a rotina humilhante e desumana destitui o caráter de homem, os desejos de vida, ou mesmo, hábitos costumeiros são suprimidos pelo destino certo. Segundo Levi, sua vontade de existência não o tornaria melhor, tomar banho, ou movimentar-se rapidamente em direção ao trabalho,

apenas o aproximava da morte certa, restava apenas poupar energia à espera do fim. A categoria afirmava a característica de *morto-vivo*, fase que tornava impossível distinguir o homem do não-homem.

O contato diário com outros “degenerados” permitiu outras visões, o sim à vida¹², a incorporação do ato de testemunhar, todos necessitavam saber das atrocidades do campo. Steinlauf, ex-sargento do exército Austro-Húngaro expressa sua análise do campo:

Justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este,

¹² Isso é o que Agamben denomina de Ética de Auschwitz (2008, p. 55). Primo Levi foi capaz de inverter a ética de Nietzsche, não estava mais em cena o além do homem e sim o Sub-Homem, entidade carente de sentido (2008, p. 31). Para sobreviver era necessário livrar-se das noções morais que um dia carregaram os Sub-Homens, as noções de bem e mal, certo e errado assumiam outras conotações, o que estava em jogo era a manutenção da própria vida terrena: “A não ser por grandes golpes de sorte, era praticamente impossível sobreviver sem renunciar a nada de seu próprio mundo moral; isso foi concedido a uns poucos seres superiores, da fibra dos mártires e dos santos” (LEVI, 1988, p. 136). Tornou-se necessário roubar, subornar, ser mais ágil, presenciar a morte dos companheiros era corriqueiro, essas ações se intensificaram nos últimos dez dias de vida no campo. Após meses de concentração, Levi identificou o retorno à humanidade na condição solidária que encontrou nos companheiros do KA-BE (enfermaria), presenciada nos dois últimos dias no campo: “A lei do Campo mandava: “Come teu pão e, se puderes, o do vizinho”, e não havia lugar para ingratidão” (LEVI, 1988, p. 234). A lógica começava a inverter-se, preocupavam-se com os colegas: “Isso significa que o campo estava mesmo acabando. [...] Acho que poderíamos marcar naquele instante o começo do processo pelo qual nós, que não morreremos, de *Häftlinge* voltamos lentamente a ser homem” (LEVI, 1988, p. 234).

pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mas ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso sentimento. Portanto, devemos nos lavar, sim, ainda que sem sabão, com essa água suja usando o casaco como toalha. Devemos engraxar os sapatos, não porque assim reza o regulamento, e sim por dignidade e alinhamento. Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer (LEVI, 1988, p. 55).

A vontade da vida afronta a imposição à submissão, para alguns, era primordial lutar pelo que ainda restava de civilizado. O campo não deveria vencer, bastava a negação do nome, o restante deveria ser travado como batalha diária, cuidar do corpo, enquanto estrutura fundamental fazia do prisioneiro um verdadeiro herói em meio aos *muselmann*.

O postulado ético do campo consentia em externalizar a vida, entregar-se o tornava apenas mais um *morto-vivo*, um matável sem crime, visto que não mais constituía humanidade. Testemunhar era a libertação real, o retorno à humanidade e dignidade antes deixada do lado de fora do campo. Segundo Oswaldo Giacoia (2013):

O testemunho é o território de uma nova ética, não prescritiva, não deontológica, mas nem por isso menos radical e exigente. Ao falar sobre o inominável, ao nomear o

indizível, pode-se dar voz àqueles que estão privados do acesso à linguagem, aos “*homini sacer*” de nosso tempo, aos verdadeiros sujeitos da bio-política, que constituem o “resto” a partir do qual é possível um novo começo, uma renovação do quadro categorial da política e uma retomada da noção filosófica de vida boa.

Ao sobrevivente resta falar em nome do indizível, relatar a possível memória da vítima que foi morta apenas por ter sua vida desclassificada dos padrões nórdicos. Adiantar a passagem mundana dos degenerados com a “Solução Final” foi a composição da moral nazista, exterminar o resto era a primazia do fortalecimento do homem ideal enaltecido pelo Reich. Abominar as possibilidades de *anamnese* consistia no fortalecimento da violência, por mais dolorosa que fosse a linguagem jamais daria conta de expressar o sentimento, como afirma Castor Bartolomé Ruiz (2011):

A violência tem seu anverso naqueles que são suas vítimas. Toda violência pretende esconder as consequências de sua barbárie ocultando aqueles que violenta, as vítimas. A técnica mais eficiente para encobrir a barbárie da violência é o esquecimento. O esquecimento não só desconhece o fato violento, mas também projeta um manto de inexistência sobre aqueles que foram vítimas da violência.

A violência do campo não se limitava ao físico, os espaços abstratos e simbólicos exerciam coerção no consciente do *muselmann*, deixando-o confuso. Em momentos como uma pausa para um jogo de futebol entre os *Sonderkommando* e os SS, tudo parecia normal (AGAMBEN, 2008, p. 15), ou

mesmo, pela manhã quando a orquestra clássica exercia seu sonar para um bom dia de trabalho, esses pequenos momentos pareciam interrupções na condição de *homens-múmia*. Porém, as ações consistiam no esquecimento do cotidiano, ao menos em alguns minutos. Levi relata que sempre que ouve alguma sinfonia, sua mente fica confusa.

Negar à testemunha o papel do relato foi a estratégia adota pelo terceiro Reich para que ninguém pudesse imaginar o que aconteceu em Auschwitz. Vislumbrando o fim da Guerra, os SS se limitaram a destruir o maior número de provas que Auschwitz poderia oferecer à história, uma nova vida começou no KZ: “Os crematórios tinham que ser demolidos, as valas cobertas de terra e quaisquer testemunhas ou participantes dos horrores ali perpetrados teriam que desaparecer” (NYISSZLI, 1974, p. 179).

A racionalização da contradição foi armada, a destruição das provas e queima das testemunhas, ou mesmo, o horror inconsciente deixado no sobrevivente fez com que os libertos se calassem ou praticassem suicídio, tamanha era a lembrança insuportável do cotidiano. Nos primeiros anos de liberdade, poucos falaram, muitos se trucidaram, outros procuraram rapidamente dar novos sentidos à vida que ainda restava.

A gama de relatos e interpretações aponta para a miríade de justificativas para o holocausto. Nesse sentido, duas passagens podem expressar os horizontes, a primeira enquanto fado e a segunda como abominação: “Camaradas judeus... Uma vontade inescrutável enviou nosso povo para a morte; o destino nos reservou a mais ingrata das tarefas, aquela de participar de nossa própria destruição, de

testemunhar nosso próprio desaparecimento até as cinzas” [...] (NYISSZLI, 1974, p. 184).

“Irritam-me as tentativas de alguns extremistas religiosos que interpretam o extermínio à maneira dos profetas: uma punição para os nossos pecados. Não! Isso não o aceito. O fato de ser insensato torna-o mais espantoso” (LEVI *apud* AGAMBEN, 2008, p. 37).

Aos que conseguiram reassumir a condição de humanidade e livraram-se das amarras que os tornaram apenas números, chegou a hora de “vingar-se” (SOFSKY *apud* AGAMBEN, 2008, p. 25). Em seu livro: *É isto um homem?* Primo Levi inicia com a tentativa de responder a pergunta norteadora da obra:

Vocês que vivem seguros em suas cálidas casas, vocês que, voltando à noite, encontram comida quente e rostos amigos, pensem bem se isto é um homem que trabalha no meio do barro, que não conhece paz, que luta por um pedaço de pão, que morre por um sim ou por um não. Pensem bem se isto é uma mulher, sem cabelos e sem nome, sem mais força para lembrar, vazios os olhos, frio o ventre, como um sapo no inverno. Pensem que isto aconteceu: eu lhes mando estas palavras. Gravem-na em seus corações, estando em casa, andando na rua, ao deitar, ao levantar; repitam-nas a seus filhos. Ou, senão, desmorne-se a sua casa, a doença os torne inválidos, os seus filhos virem o rosto para não vê-los (LEVI, 1988, p. 9-10).

Primo Levi, assim como Dr. Miklos, fizeram partes dos poucos que puderam retornar à condição de homem novamente, encontrar suas casas cálidas, alguns amigos e comida quente.

Considerações finais

Discutir ou mesmo esforçar-se para compreender o inimaginável tornou-se uma das tarefas dos princípios éticos da contemporaneidade. Às avessas, correntes teóricas, pautadas em princípios elencados como científicos visam negar o holocausto ou revisá-lo, sintetizam que a história narrada não pode ter acontecido bem como as contas matemáticas apresentadas se demonstram incompatíveis.

Siegfried Ellwanger Castan¹³ em consonância com alguns revisionistas, leva em conta algumas explicações forenses para entender o holocausto. Ao prefaciar seu livro, *Holocausto, Judeu ou alemão?*, relata que sua intenção é proporcionar a verdade ao interlocutor, possibilitando “a oportunidade de fazer seu julgamento” (1987, p. 9). Não se trata de negar, mas sim fomentar outra vertente da história. Frente à visão, recorre ao relatório Leuchter¹⁴ sobre as alegadas câmaras de gás de Auschwitz, Birkenau e Majdanek na Polônia.

A análise do relatório encontra-se no livro: *Acabou o Gás!... O fim de um mito* (1989); no compêndio, Leuchter passa a testemunhar a impossibilidade das câmaras de gás. Em estudo detalhado e metodológico, analisa evidências e conclui que os locais indicados como câmaras, eram

inapropriados e impossíveis de dizimar alguém naquelas condições. O estudo foi realizado *in loco* no ano de 1988, a coleta de material (tijolos, argamassa, portas, janelas e vedações) foi primordial para suas análises em laboratórios. Anteriores ao trabalho de campo foram feitas verificações das plantas (estruturas prediais) e fotos dos locais. Munido dos resultados laboratoriais, argumenta:

O autor não encontra indicação de que quaisquer das instalações normalmente alegadas como câmara de gás para execução tenham em qualquer momento sido utilizadas como tal e verifica, além disso, que devido ao projeto e fabricação dessas instalações, as mesmas não poderiam ter sido utilizadas como câmaras de gás para execuções (CASTAN, 1987, p. 21).

Segundo Leuchter, os números estimados de mortos por gás e cremados são incompatíveis com a operacionalidade dos locais inspecionados. As tentativas de amenizarem, ou, maximizarem os fatos, são vazias perante os testemunhos dos sobreviventes, fotos e vídeos dos campos de concentração. Se ouvir a única testemunha ocular da câmara de gás se tornou impossível, ou mesmo o relato do sobrevivente que não consegue se aproximar do real sentimento dos que atingiram o fundo, torna-se inerente aos que constituem a humanidade persuadir afirmativas do que foi o campo.

Pensar o projeto nazista tornou-se condição *sine qua non* para permear a lógica política moderna. Esquecer, perdoar, negar, ou apenas culpar poucas pessoas, significa opor-se ao passado, situação dialética que permitirá seu retorno. Justificar é tão perverso quanto

¹³ Reconhecido com um dos principais revisionistas do holocausto no Brasil, escreveu um conjunto de livros com o intuito de debater as práticas exercidas nos campos de concentração, dentre eles se destacam: *Holocausto, Judeu ou Alemão? Nos bastidores da Mentira do Século* (1987) e *Acabou o gás!... O fim de um mito* (1989).

¹⁴ Fred A. Leuchter, engenheiro, especializado na criação de projetos e execuções de equipamentos para prisões dos Estados Unidos da América. O principal projeto foi uma câmara de gás na penitenciária do estado de Missouri.

limitar-se a memória, banalizar resulta em tornar corriqueira a prática:

A desmensura do mal praticado acaba sendo uma justificativa para o mesmo: a consciência irresoluta consola-se argumentando que fatos dessa gravidade só poderiam ter ocorrido porque as vítimas deram motivos quaisquer para tanto, e este vago “motivo qualquer” pode assumir qualquer dimensão possível (ADORNO, 1995, p. 31).

Justificar como um mal necessário é abominável, não se trata de contabilizar as vítimas, ou ler como uma passagem rápida no curso da história já superada. Relegar o passado significa suportá-lo novamente, pois não foi um evento particular ou isolado. Segundo Adorno, envolveu a todos que conviveram com o regime; culpados não são somente os assassinos, mas também “os que, desprovidos de consciência, voltaram contra aqueles seu ódio e sua fúria agressiva” (1995, p. 121).

A análise de Oswaldo Giacoia sob o *locus* de Agamben, assim como a de Adorno são fundantes para uma concepção de ética na contemporaneidade, inverter a lógica do esquecimento pregada pela SS resultará na condução hodierna da memorização da humanidade para que eventos caracterizados por tamanha brutalidade não voltem a se repetir. Nesta medida, lembrar implica em manter viva e atuante a potência do pensamento, da capacidade de reflexão e ação política em busca do bem comum, do bem viver. É a potência do não:

Acredito que **Agamben** situa a ética do testemunho no problemático limiar que se situa entre a superação do ressentimento (a proposta de **Nietzsche**, que inaugura a ética do século XX) e a

exigência moral da impossibilidade do esquecimento. Não se pode querer que **Auschwitz** retorne eternamente, assim como não se pode mais ignorar que o essencial de **Auschwitz** não tem cessado de se repetir; por mais que o ressentimento pelo que aconteceu, sua condenação, e a exigência de manter viva a memória do acontecido, se exerça sobre nós como uma demanda ética irrecusável (GIACOIA, 2013).

Ao situar o pensamento de Adorno no texto, “Educação após Auschwitz”, o filósofo indica que “o centro de toda a educação política deveria ser que Auschwitz não se repita” (1995, p. 121). Essa é a meta para todo projeto educacional, informar e ensinar as crianças sobre o que aconteceu será estruturante para não voltarmos à barbárie. Consciência, autonomia e humanidade são pressupostos educacionais às gerações posteriores ao holocausto. Por seu turno, o filósofo italiano Giorgio Agamben nos aponta para os limites das propostas éticas de fundo iluministas, que com seus imperativos categóricos sucumbem diante dos horrores dos campos de concentração.

Talvez se possa dizer que para Agamben situar uma ética que vem, implica no fato de pensarmos a potência da linguagem como dispositivo que nos coloca no limiar entre a *polis* e a *physis*, numa zona de indeterminação entre humanidade e animalidade, entre pertencer ao bando, ou ser abandonado à morte. Ou seja, se a linguagem não se apresenta suficiente para narrar o inenarrável dos acontecimentos dos campos de concentração; se as testemunhas não têm a plenitude do direito de narrar o que efetivamente aconteceu no campo, uma vez que quem chegou ao fundo do campo, de lá nunca

voltou, ainda assim, em seus limites narrativos, a linguagem permite rememorar o horror dos campos. Talvez esta possa ser a tarefa ética no tempo que resta, rememorar e procurar compreender a lógica do campo, no qual estamos inseridos na contemporaneidade.

Referências

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha**. Tradução de Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. O que resta de Auschwitz e os paradoxos da biopolítica em nosso tempo. Entrevista especial com Oswaldo Giacoia Junior. Instituto Humanitas Unisinos.

21 ago. 2013. Entrevista a concedida por e-mail a IHU On-Line.

LEVI, Primo. **É isso um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

NYISSZLI, Miklos. **AUSCHWITZ - O testemunho de um médico**. Tradução de Roberto Goldkorn. Rio de Janeiro – São Paulo: Record, 1974.

RUIZ, Castor Bartolomé. **A testemunha, um acontecimento**. Revista do Instituto Humanistas Unisinos, 376. Ano XI. 17 de outubro de 2011.

CASTAN, Siegfried Ellwanger. **Acabou o Gás!...** O fim de um mito. Porto Alegre – Rio Grande do Sul: Revisão editora, 1989.

_____. **Holocausto, Judeu ou Alemão? Nos bastidores da Mentira do Século**. Porto Alegre: Revisão, 1987.

Recebido em 2014-10-23

Publicado em 2015-01-15